

## COMO FORMAR JOVENS LEITORES?

Armindo Mesquita<sup>1</sup>

**RESUMO:** A leitura é uma competência que o ser humano tem à sua disposição e que pode e deve utilizar, sendo, por isso, uma actividade extremamente importante no mundo civilizado. No entanto, não basta saber ler, é primordial adquirir hábitos de leitura e gostar de ler. O prazer de ler não nasce com o indivíduo, vai-se adquirindo à medida que se contacta com os livros. Só lendo é que o leitor cria a necessidade de leitura. Ler é uma actividade de conquista em que os resultados não são imediatos, por isso exige esforço, dedicação e empenho. A precoce imersão da criança no mundo dos livros e o convívio assíduo com a sua realidade são formas de despertar a curiosidade e o interesse pela leitura.

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura, leitor, criança, livro.

## HOW TO BUILDING YOUNG READERS?

**ABSTRACT:** Reading is a competence the human being has at his disposal, which he can and must use, being thus an extremely important activity in the civilized world. However, being able to read is not enough, it is primordial to acquire reading habits and enjoy reading. The pleasure of reading is not innate in the individual; it grows within the contact with books. Only by reading can the reader create the need to read. Reading is a conquest activity where the results are not immediate, therefore it demands effort, dedication and endeavour. The child's precocious immersion in the world of books and the continuous involvement with its reality are ways of waking up their curiosity and the interest for reading.

**KEY-WORDS:** reading, reader, child, book

---

<sup>1</sup> OBLIJ - Observatório da Literatura Infanto-Juvenil e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Departamento de Letras – Portugal. [armesqui@utad.pt](mailto:armesqui@utad.pt)

## INTRODUÇÃO

Nas sociedades tradicionais, a escrita e a literatura ocupavam um papel muito limitado na vida colectiva. A maioria das pessoas era iletrada, de tal maneira que o domínio da escrita era reservado a um pequeno grupo de indivíduos especializados em tarefas de administração pública ou em ocupações literatas que, apenas, afectava uma franja diminuta da sociedade. Podia viver-se, e vivia-se efectivamente, num dia-a-dia dominado exclusivamente pela oralidade. Não eram sociedades sem literatura, mas nelas, a literatura estava longe de cumprir uma função essencial. A história e o destino dos povos jogavam-se a partir de idéias e valores que eram motivados e que evoluíam, por assim dizer, na praça pública, não no mundo dos livros.

Tal não se passa nas sociedades contemporâneas. Nestas, a documentação escrita desempenha um papel fundamental. Para tudo (ou quase tudo), importante ou insignificante, o que está escrito é o que vale.

Neste contexto, percebe-se que a literatura escrita assuma uma importância decisiva, já que pode ser definida, provisoriamente, como o subconjunto da documentação escrita que pretende ter uma existência efémera ou circunstancial, isto é, como um conjunto de documentos que aspira a estruturar, no formato literário, as ideias e os sentimentos essenciais para a vida humana. E uma sociedade letrada é aquela em que, precisamente, se escreve e se transmite, pela literatura, o que se julga ter valor.

Ser cidadão participante numa sociedade com estas características implica, pois, a literacia não só como saber e conhecimento do património literário, mas também como exercício de julgamento escrito e como capacidade de produção autónoma. A cidadania não é possível sem este requisito básico.

Por esta razão, é fundamental incluir a aprendizagem da literacia no processo de socialização, no sentido em que acabámos de defini-la. Desde os bancos da escola, ou mesmo antes, importa que as crianças se habituem ao mundo em que vão viver como adultos, e se esse mundo contém a literatura como um dos seus ingredientes determinantes. Então, isso significa que, desde a escola básica, temos a obrigação de iniciar as crianças no mundo literário, no mundo das ideias e dos valores vertidos na configuração literária. Aliás, uma criança, que cresça arredada do mundo literário, ficará excluída de uma dimensão essencial da sua cidadania, e nunca será um adulto plenamente incluído no tecido da sua história colectiva.

Nada disto é novo ou especialmente problemático e poder-se-á dizer que a sociedade entende isto perfeitamente. Mas do entender ao fazer vai, às vezes, uma grande distância. É aqui que reside o problema. Tanto mais que, com ou sem a colaboração activa da escola, a sociedade se encarrega, bem ou mal, (e muitas vezes mal), de introduzir a literatura na esfera das crianças e dos jovens.

Hoje em dia, percebe-se que as crianças começam a formar a sua leitura do mundo e a despertar para rabiscos, traços e desenhos desde muito cedo, conforme as oportunidades que lhes são oferecidas. Há uma espécie de instinto “escrevinhador” em todo o ser humano, que é espicaçado sobremaneira na sociedade do papel e do lápis banalizados. Mas para que esse instinto não se extinga prematuramente, ou não se esgote em resultados improfícuos – o que acontecerá se for abandonado a si mesmo –, torna-se decisivo colocar as crianças em contacto com os livros, de forma a sensibilizá-las para o mundo da criatividade e do espírito crítico. A função da escola é, nesse particular, absolutamente determinante.

## **INCENTIVO À LEITURA**

Na sociedade actual, por estar presente em tudo e a toda a hora, concede-se, de facto, uma enorme importância à leitura. A aquisição dos mecanismos leitores surge como tantas outras necessidades inerentes à vida da criança. “Uma vez realizada a aprendizagem, nenhuma actividade é, aparentemente, mais simples, mais automática do que a leitura: lê-se como se anda, como se respira” (BARTHES e COMPAGNON, 1987). Pertencemos a uma sociedade de pessoas que lê, precisamos frequentemente de comunicar e de entender aquilo que se encontra escrito. Perante esta exigência da sociedade, não se pode negligenciar, de forma alguma, a formação de jovens leitores, já que “é desde pequenino que se torce o pepino”.

Logo, todo o livro deve proporcionar uma aproximação entre o autor e o leitor, possibilitando a vantagem de trabalhar a linguagem e a produção literária. Aliás, ao desenvolver a reflexão e o espírito crítico, a leitura ajuda, categoricamente, a superar o vazio na formação do ser humano, isto é, a leitura faculta o crescimento interior do indivíduo.

Os livros têm a função fundamental de formar o imaginário da criança, dar-lhe oportunidade de viajar por mundos mal conhecidos ou mesmo desconhecidos:

Sin embargo, puedo decirles a ustedes que este “viaje cósmico” de la lectura tiene que ver con el camino abierto

hacia la otredad. Nos relacionamos com otras tierras, com outras personas, o com nuestros propios paisajes y nuestra gente, pêro visto desde nueva perspectiva. Si nos dejamos llevar por la lectura, si no oponemos resistencia, vivimos vidas ajenas, sentimos y pensamos de manera diferente. Tenemos la opción de salir fuera de los lugares conocidos, podemos transmutar estos sítios de la vida cotidiana por una realidad alternativa. Cuando cerramos el libro, comprendemos que hay un yo potencial que vive en las páginas del libro. Distinguimos entre nosotros y esa otredad donde también podemos vivir (DEARDEN, 1995).

Além disso, os livros são objectos de formação e de informação para a criança, porque esta se experiencia, através do que lê e do que aprende; forma-se e transforma-se. O mundo da literatura infantil é mágico. As palavras têm o poder de envolver e de transportar o leitor para um lugar não só imaginário, como também real. Trabalhar com a literatura infantil é, portanto, abrir, de par em par, as portas do mundo a seres que buscam a formação humana e cultural como utentes de uma sociedade. Os livros são companheiros indispensáveis e insubstituíveis que a criança pode levar para qualquer lugar. Logo, a criança deve poder usufruir do “capital” cultural contido no universo dos livros. Contudo, cabe ao adulto facultar-lhe o acesso a este universo.

Nesta perspectiva, a precoce imersão da criança no mundo dos livros e o convívio assíduo com a sua realidade são formas de despertar a curiosidade e o interesse pela leitura. Se, desde cedo, a criança estiver rodeada de livros e neles encontrar um objecto do seu afecto, rapidamente descobrirá que a leitura se pode revelar como uma das actividades mais excitantes da sua vida, porque possibilita a emancipação da criança e a assimilação dos valores sociais.

A leitura não só desperta, na criança, o gosto pelos bons livros e pelo hábito de ler, como também contribui para despertar a valorização exacta das coisas, para desenvolver as suas potencialidades, para estimular a sua curiosidade, para se inquietar por tudo que é novo, para ampliar os seus horizontes e para crescer, isto é, para se tornar um verdadeiro cidadão. “A leitura é sempre o esforço conjugado de compreender e de incorporar”. (SCHOLES, 1991).

Assim, a capacidade de ler é, sem dúvida, o presente mais valioso que se pode dar à criança. É, graças a esta faculdade, que o ser humano é capaz de exprimir o seu pensamento, de comunicar, mais livremente, com os outros e ter um lugar mais activo no mundo que o

rodeia. A infância “é o melhor momento para o indivíduo iniciar sua emancipação por meio da função liberatória da palavra” (SOUZA, 2005). Aliás, uma criança leitora terá mais possibilidades de ter sucesso escolar. Por sua vez, os adultos, com um nível de alfabetização mais elevado, terão mais facilidade em triunfar no mundo do trabalho.

## **CONTRIBUTOS PARA DESPERTAR O GOSTO PELA LEITURA**

Como se sabe, na nossa sociedade são os adultos quem educa as crianças, transmitindo-lhes o seu saber, os seus valores, as suas experiências, os seus desejos, o seu modo de viver. Há todo um trabalho cultural com vista a garantir a continuidade de tudo aquilo que caracteriza uma sociedade num determinado momento histórico, porque todos os textos para crianças arrastam consigo ideias, valores, padrões estéticos, toda a informação que irá formar a sensibilidade da criança.

A mensagem descodificada deve proporcionar um prazer imediato, de forma a prender o leitor a tudo aquilo que está para lá do texto. Isto pode começar logo pela leitura feita, em casa, através dos pais que têm um papel preponderante e activo no campo da educação, porque têm a responsabilidade de ensinar aos seus filhos o prazer da leitura, auto-consciencializando-se para o facto de a leitura e a sua prática serem parte integrante do seu dia-a-dia. Só assim poderão estimular os seus filhos a praticar esse hábito, reconhecendo a importância de ter livros em casa.

### **O papel da literatura infantil**

Tendo a criança como principal destinatário, a literatura infantil está vocacionada para responder às necessidades de ordem intelectual e afectiva que dominam e afectam a criança. Assim, a literatura infantil transmite algo sobre o mundo e a vida, podendo, também, agir sobre o adulto, já que não exclui a possibilidade de o adulto desfrutar do seu conteúdo na sua plenitude, pois as componentes estéticas, mágicas e outras tocam qualquer receptor. Logo a literatura infantil é para todos aqueles que queiram desfrutar do prazer da leitura independentemente da idade e do sexo.

Aliás, todos sabemos que as histórias alimentam o imaginário infantil, ajudando a criança a entender a vida e a vivê-la melhor. Desse modo, podemos delimitar que a primeira função da literatura infantil é a de experimentar acções, reacções e emoções através da ficção. O ficcional prepara para a vida real. Este é um dos motivos pelos quais se deve cultivar a leitura para e pelas crianças, seja em contexto escolar, seja em casa pelos pais. A boa literatura encanta e enriquece o espírito das

crianças, levando-as a deliciarem-se com as narrativas, envolvendo-as na efabulação.

Neste sentido, a literatura é muito importante na vida da criança, porque faz com que esta possa aprender e a crescer intelectualmente. A criança, para fazer uma leitura que lhe permita uma interpretação e compreensão daquilo que lê, deve ler correctamente. Portanto, é fundamental oferecer-lhe oportunidades de leitura que, de uma forma convidativa, façam com que desfrute e obtenha prazer na leitura. É neste sentido que a literatura infantil desempenha um papel importantíssimo, conduzir a criança não só à aprendizagem, mas também à apreensão gozosa daquilo que está a ler. Aliás, “nenhuma outra forma de ler o mundo é tão eficaz e rica quanto a que a literatura infantil permite” (COELHO, 1991).

Quando se conta uma história, é imperioso estar-se consciente dos benefícios ou dos prejuízos que esta pode causar na criança/ouvinte. Importa entender que, o acto de contar uma história não é, claramente, uma actividade sem propósito, mas um acto mágico, uma atmosfera que se cria, porque faz com que a criança aprenda a lidar com diferentes situações e limites de modo a poder entender também o outro: “Não é por acaso que muitos de nós conservam ainda bem vivas as recordações das histórias que nos contavam, às vezes esquecendo o conteúdo, mas mantendo ainda a imagem do contador” (VELOSO, 1994).

Como primeiro desígnio, devemos ter um outro olhar para com o livro de literatura infantil, sendo certo que o alcance da sua mensagem está no limite do imaginário. É seguramente com este pressuposto que a literatura infantil

vem sendo criada, sempre atenta ao nível do leitor a que se destina... e consciente de que uma das fecundas fontes para a formação dos imaturos é a imaginação – espaço ideal da literatura. É pelo imaginário que o “eu” pode conquistar o verdadeiro conhecimento de si mesmo e do mundo (COELHO, 2000).

Deve, por isso, perceber-se a literatura infantil como uma ponte entre dois mundos, o real e o fantástico, nos quais a criança vai descodificando e vivendo emoções em que nem sempre podem ser integralmente vividas na realidade. Neste sentido, a literatura infantil proporciona momentos de descobertas, quer do mundo objectivo, quer do mundo subjectivo.

Assim, a literatura infantil é, “antes de tudo, literatura, ou melhor é arte: fenómeno de criatividade que representa o mundo, o Homem e a

vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real” (COELHO, 2000).

Podemos, então, afirmar que a literatura infantil “tem desempenhado uma função relevantíssima, atendendo aos seus destinatários, na modelalização do mundo, na construção de universos simbólicos, na convalidação de crenças e valores” (SILVA, 1981).

### **O papel da família**

Como qualquer hábito, o hábito de ler não se adquire por magia, pelo contrário, resulta de uma série de circunstâncias que interatuam na criação de um ambiente propício à formação da criança leitora. Estas condições devem nascer em casa, no seio da família. Pois,

Ao lerem para os filhos, os pais estão, de forma directa, a incutir-lhes o gosto pela leitura e, indirectamente, a encaminhá-los para serem bons futuros leitores, já que o livro “é, sem dúvida, um veículo de cultura por excelência, qualquer que seja a idade a que se destina e se queremos ter bons leitores no futuro, não podemos descurar a utilização prática desde muito cedo” (SOARES, 2003).

Infelizmente, na sociedade portuguesa, os hábitos de leitura estão pouco presentes. Há famílias que não lêem livros, outras que têm muito poucos. As crianças, que vivem nestes ambientes, não têm oportunidade de ver os pais ou irmãos mais velhos a lerem com regularidade, por isso, falta-lhes, no ambiente doméstico, o exemplo da leitura como hábito e como rotina do quotidiano.

A leitura é um acto de cultura, logo a presença da literatura infantil também dependerá do contexto cultural da sociedade como um todo, que forma e informa as famílias a todos os níveis. Assim, precisamos de promover a literatura infantil, mas, para isso, temos, antes de mais, de promover (motivar) os adultos para a leitura.

Deste modo, far-se-á jus à evidência de que o hábito de leitura e o desenvolvimento do interesse pela mesma se iniciam, em grande parte, com a família, só depois terá seguimento com a prática escolar e ao longo da vida.

No seio familiar, a literatura infantil, para além de representar um estímulo à aprendizagem da leitura, fará com que a criança tenha uma vivência afectiva muito grande e, ao mesmo tempo, venha a possuir um reportório de informação geral, nitidamente mais amplo.

É preciso que a criança descubra o prazer de ler e reconheça que a literatura é uma arte, que a escrita é fruto da leitura e que, no fundo, ninguém escreve a partir do nada. A criança que não lê, acabará por

pensar que tudo o que escreve é inteiramente novo, e isso, é sabido que não é verdade.

Os contos de fadas, as lendas e as fábulas, por exemplo, quando lidos, ainda hoje encantam crianças e mesmo adultos, porque são textos que recuperam a magia que ficou, nas suas lembranças, dos tempos em que os pais ou os avós contavam essas mesmas histórias fantásticas de belas princesas e de valentes príncipes que viviam em reinos maravilhosos distantes.

Se a leitura é uma viagem fantástica cheia de surpresas, será preciso que a família conquiste esse acto de ler histórias. Através da leitura, a família vai possibilitar, à criança, chegar às questões práticas que a leitura proporciona, estimulando a vivência de emoções e revelando uma realidade simbólica que, certamente, será fascinante.

### **O papel da escola**

O hábito de ler, se não for conquistado no seio familiar, deverá ser despertado e reforçado na escola e continuado ao longo da vida, tornando-se, assim, uma mais valia duradoura na vida do leitor.

Nesta perspectiva, a família e a escola são sinónimos de educação. Portanto, educar é um desafio que, naturalmente, cabe a ambas. A escola, como local “privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante sector para o intercâmbio da cultura literária” (ZILBERMAN, 2003), deve proporcionar um espaço mais amplo de leitura, ir além de ensinar a ler e a escrever. Precisa de investir em bons livros, porque, para muitas crianças, na escola está a única oportunidade de contactar com os livros e, por consequência, com a leitura.

A criança deve dispor de diversidade de textos que lhe possam proporcionar habilidades e competências necessárias à alfabetização. O convívio com a leitura abre novas perspectivas à criança, permitindo-lhe melhor conhecimento da realidade envolvente, desenvolvendo-lhe a reflexão e o espírito crítico e, ao mesmo tempo, estimulando o crescimento interior.

Estando o ensino da leitura está historicamente vinculado à escola, também deve ser competência desta, proporcionar, à criança, bons livros, jornais, revistas, vídeos, trabalhos escritos diversos e referências bibliográficas, abrindo o universo do conhecimento para que o aluno usufrua desse mesmo conhecimento, fazendo-a crescer intelectualmente.

Se a escola trabalhar a literatura com intuito de formar leitores, estará automaticamente a ensinar a língua. Assim, a criança absorverá

bases linguísticas fundamentais para a sua formação futura. Neste sentido, a criança deve ver a escola como espaço privilegiado para a leitura, de modo a que esta surja como algo de interessante e motivador, uma conquista capaz de lhe dar autonomia e independência.

É de extrema importância a formação de leitores. Mas é sabido que não é tão simples assim, devido aos problemas sociais. Só o será quando a leitura fizer parte do ambiente cultural do povo, quando existirem livros compatíveis com os anseios e os gostos das diversas faixas etárias de uma população.

Quando o livro é lido com prazer transporta-nos a outros mundos, dá vida aos nossos sonhos, estimula as nossas emoções. É este entusiasmo que poderá ligar a criança ao livro, despertando-lhe o gosto e a necessidade de aprender a ler, no sentido de desbravar a fantasia que cada história, ou cada livro carrega. “É preciso que a criança viva a sua influência, fique carregando para sempre, através da vida, essa paisagem, essa música, esse descobrimento, essa comunicação” (MEIRELES, 1984). Mas, por vezes, na escola, o aluno, em vez de criar o hábito de ler, começa a pensar que a leitura é uma coisa enfadonha. Aí entra o papel do professor que, ao utilizar o livro de forma motivadora, acabará por se reflectir numa leitura estimulante para o aluno.

O acto de ler deve ser sinónimo de espontaneidade, liberdade e prazer, e não sinónimo de imposição. Para isso, se o aluno tiver espírito crítico, o professor deve deixá-lo escolher o livro do seu interesse e do seu gosto pessoal.

Ler, na escola, pode e deve tornar-se prazer e, simultaneamente, um hábito. Pode começar-se por levar livros de temas diversificados para a escola, para alargar os horizontes dos leitores. Os temas podem ser da realidade envolvente do aluno e devem conter belas ilustrações coloridas. Esta iniciativa deve, sempre que possível, partir do professor.

A escola necessita de espreitar e de estar atenta às novas mudanças que a rodeiam para poder rever e actualizar o seu conhecimento do mundo e, definitivamente, perceber que o indivíduo pode transformar-se, tendo a literatura infantil como agente dessa metamorfose.

Tal como o ar que se respira, a literatura infantil é indispensável na escola, pois através do prazer da leitura pode e deve proporcionar-se o desenvolvimento e a aprendizagem adequados à criança.

## **O papel do professor**

Uma das funções da literatura é proporcionar, aos leitores, a proeza da navegação do espírito, e aos autores a aventura da expressão do mistério. Se pretendermos que, e certamente queremos isso, essa função esteja também presente entre as crianças, então há que reconhecer que, para isso, é fundamental a interferência do professor como estimulador.

O docente deve saber quanto é importante a sua prática e acção na sala de aula: a sua intervenção ou empenho motivará, ou não, a criança na prática da leitura. Deve desempenhar a sua função pedagógica com a maior seriedade possível e, ainda, com carácter inovador.

O professor, sendo um dos maiores responsáveis por inculcar o hábito de leitura nos alunos, deve, em primeiro lugar, ser um leitor, preferencialmente um bom leitor. Através do seu exemplo e do seu empenho, conduzirá, assim, o aluno, com maior segurança, ao hábito de leitura. A boa literatura encanta e enriquece o espírito das crianças. Elas adoram as narrativas, envolvem-se nos contos de fadas; ouvem, com atenção, as fábulas e as poesias, mas, para que isso aconteça, quem conta a história ou declama um poema deve fazê-lo com emoção, entoação e ritmo.

Para motivar a ler, não existe método; o que conta verdadeiramente é a motivação que o professor é capaz de utilizar para despertar o estímulo à leitura.

O professor deve, igualmente, deixar que o aluno, ao ler uma história, desfrute da sua imaginação, faça uma viagem sem fim, que nem o próprio autor imaginaria, de maneira a que o leitor seja sujeito activo dessa mesma história. Para que aconteça o pequeno milagre da frutificação do espírito infantil, o professor deverá ser capaz de respeitar a liberdade dos mais pequenos, incentivando a exploração dos ritmos, das entoações e das pausas para a assimilação.

Pede-se ao professor que faça uma selecção cuidada de textos que os alunos vão ler e interpretar, proporcionando-lhes diferentes tipos de leitura: contos de fadas, lendas, fábulas, poemas, etc.

Ao recomendar um livro ou um texto, o professor deve conhecer os seus alunos e saber quais são os seus interesses. Numa sala de aula, há gostos diferentes, por isso, é importante que o professor esteja consciente que, ao escolher um determinado livro, este vá atingir o interesse de todo o público. Uns alunos preferem contos, outros lendas, outros poemas e o professor tem que ter um repertório diversificado para abranger o maior número possível de alunos.

Ao fim e ao cabo, o que importa é que, ao ler um livro, o aluno sinta prazer e emoção nessa leitura, envolvendo-se ao ponto de ser capaz de navegar nessa história ou nessa aventura. Depois da leitura feita, o professor pode avaliar e consolidar o que foi adquirido, solicitando, aos alunos, por exemplo, a produção de fichas de leitura, ou utilizando actividades lúdicas como debates, dramatizações, trabalhos individuais ou em grupo, porque o mais importante não é o resultado, mas sim o processo.

Em situações como essas, o aluno compreende que é um elemento activo, actuante, que sente liberdade, prazer e gosto pela leitura, valorizando-se, assim, como elemento participativo em todo o processo.

### **O papel das bibliotecas infantis**

A particularização deste tipo de bibliotecas advém não só da sua especificidade bibliográfica, como também do público-alvo a que se destina. Estas bibliotecas têm um papel muito importante para a criança, pois são potenciadoras de motivações para a aquisição da leitura, bem como criadoras de hábitos e contactos com diferentes tipos de registos escritos: livros, revistas, jornais, meros desenhos, ou ainda com materiais audiovisuais e multimédia.

A biblioteca infantil é, ou deve ser, o local onde a criança vai livremente, onde pode ver, tocar, folhear e, possivelmente, ler livros (sem que lhe seja imposta a sua leitura), onde pode ver um vídeo dos seus desenhos animados preferidos, ou divertir-se no computador. É o local onde a criança aprende a gostar dos livros e, mesmo que ainda não saiba ler, aprende a história através das imagens que o livro lhe revela.

A biblioteca infantil é essencial para um “bem-estar social, visto não podermos esquecer que a criança de hoje é o leitor de amanhã” (SHERA, 1993). Assim, um dos objectivos primordiais deste tipo de bibliotecas será a motivação para o contacto directo com os materiais escritos, em especial o livro, possibilitando o livre acesso aos mesmos desde as mais tenras idades. É nesta perspectiva que se realizam actividades lúdicas, para que a criança (utilizadora destes locais) ou possa, mais cedo ou mais tarde, tomar o gosto pela leitura.

Quando se fala em bibliotecas, a primeira ideia que vem à cabeça é sempre a de um local sossegado, sem ruídos, onde se pode consultar um livro sem se ser incomodado. Este poderia ser o “estereótipo” das bibliotecas no seu geral, mas nunca o de uma biblioteca infantil.

Para o bom funcionamento e atractividade de um espaço, que se pretende interactivo com o potencial utilizador, não se pode esquecer uma

das mais importantes características, e que a distingue ainda mais das outras bibliotecas, a sua animação diária, pois, só assim, será um espaço vivo e não um conjunto de quadro paredes com materiais expostos.

Esta interacção com crianças leva a níveis de frequência maiores e a atingir um público mais vasto, não se institucionalizando assim a cultura do livro como algo de maçador, trabalhoso e pouco apelativo:

As novas bibliotecas oferecem estruturas de acolhimento, riqueza e variedade de fundos documentais, serviços para o utilizador [...] e pessoal com alguma formação especializada que, no seu conjunto servem para aliciar, conquistar e reter as crianças (NEVES, 1994).

Nesta área, a biblioteca infantil trouxe alguns aspectos inovadores, tendo sempre como atenção o público-alvo a que se destina.

O papel das bibliotecas infantis ainda se encontra no início, contudo com animação, formação e criatividade poder-se-á alterar/modificar a ideia de biblioteca no seu geral, como sendo um lugar onde se depositam livros para uso público, para bibliotecas/centros de recursos nos quais todo o público terá acesso a uma vasta área de temáticas, todas elas interligadas entre si por projectos e animações.

### **O papel das novas tecnologias**

A transformação cultural, que se vive hoje, pauta-se pela passagem da hegemonia dos livros impressos para os audiovisuais, do suporte de papel para o ecrã da televisão ou do computador, da estaticidade do texto impresso para a interactividade da informática.

Com isto, não se pretende, de forma alguma, afirmar que o livro impresso deixou de ter importância ou que vá desaparecer. Pelo contrário, a divulgação, em massa, das novas tecnologias vai atribuir ao livro um estatuto especial, tornando-se (quem sabe?!) uma forma de arte, um tesouro a preservar não pela escassez, mas pela sua magia.

O livro é e continuará a ser importante, embora tenha de se adaptar para enfrentar os desafios impostos pelas novas tecnologias, com vista a encontrar o seu novo espaço na sociedade contemporânea.

As novas tecnologias são, por isso, ferramentas com importância crescente, porque podem ser utilizadas em casa ou em qualquer outro espaço equipado para tal, com maior facilidade do que um livro. No que diz respeito à Internet, por um lado, disponibiliza um elevado número de informações em qualquer parte do globo, a qualquer hora, podendo ser consultada por várias pessoas em simultâneo. Por outro lado, permite a economia de papel, tinta e tempo (vital nos tempos modernos),

possibilitando a avaliação e o acompanhamento em tempo real, bem como contactos nacionais e internacionais, jogos, troca de imagens, de textos, e outros.

As vantagens das novas tecnologias são inúmeras, embora não sejam só vantagens. Há quem ainda não se deixe *convencer* por esta realidade. É o receio próprio e compreensível por tudo que é novo, propondo mudanças e estas nem sempre são fáceis de aceitar.

No âmbito da pedagogia, os novos recursos tecnológicos representam um avanço significativo que não se pode ignorar, situações como o ensino a distância, trabalho cooperativo on-line, vídeo-conferências, etc. só são possíveis graças a estes novos recursos.

A literatura infantil tem vindo a ser favorecida pelos avanços tecnológicos. Por exemplo, a nível gráfico, os livros de literatura infantil revelaram uma considerável melhoria a vários níveis: tipo de letra, formato, ilustrações, cor, etc.

O número de CD-Rs, que as editoras têm disponibilizado para as crianças, é enorme: desde jogos didácticos até adaptação de histórias infantis. No entanto, o CD-R vem sendo preterido em detrimento do DVD que apresenta um passo mais no mundo da tecnologia, com todas as vantagens, relativamente ao CD-R, de poder ser visto no ecrã do televisor com facilidade e estar firmemente implantado no mundo cinematográfico, sobrepondo-se, claramente, à cassette VHS.

Na Internet, há milhares de páginas de literatura infantil escritas em várias línguas. Devemos aproveitar a oportunidade que a Internet representa na divulgação de trabalhos feitos nesta área. Contudo, devemos ter presente que muito material disponível é de qualidade discutível. É imperioso seleccionar aquilo que interessa. Como a criança ainda não tem o espírito crítico bem desenvolvido, as consultas das páginas da Internet deverá ser feita com a supervisão de um adulto.

Em termos gerais, poder-se-á afirmar que as novas tecnologias trazem benefícios. Porém, será mesma coisa ler um conto ou um poema num livro ou no ecrã do computador? Será estabelecida a mesma ligação entre o leitor e a sua história? A criança será transportada, de igual modo, para aquele mundo maravilhoso?

Se todos estes requisitos forem cumpridos e as histórias puderem desempenhar a sua função, então o local onde estas aparecem escritas deixa de ser relevante.

## CONCLUSÃO

A importância que é, merecidamente, atribuída aos livros e à leitura não poderá ser desligada da necessidade que existe de se desenvolver o espírito crítico dos leitores.

Este não se desenvolve de uma só vez, mas ao longo de toda a vida. Contudo, há um espaço de preparação para ele (logo desde a infância e que deverá ser assumido quer pelos pais, quer pelos educadores, quer pelos professores), que será indispensável para a formação de leitores para a vida, que lhes permita defenderem-se de livros e de leituras menos positivos e que aprendam a tirar de todos eles o melhor proveito.

Nesta perspectiva, será necessário que pais, educadores e professores reflitam sobre esta realidade e desenvolvam esforços estruturados no sentido dessa formação.

Na realidade, verificamos que ainda não é dada a devida importância à literatura infantil. No que diz respeito aos meios de comunicação, nota-se uma certa resistência em acolher a cultura infantil, incluindo livros, num espaço a ela dedicado em exclusivo. Assim, aparece a escola como boa desculpa para os pais, responsáveis e meios de comunicação. A sociedade atribui à escola o papel de incentivar a leitura e, não negando que o tem, não há uma política educacional voltada para esta prática, seja em escolas públicas, seja em particulares. Faltam livros, bibliotecários e cursos específicos nesta área.

Estamos perante um problema cíclico, onde cada um se redime da culpa, passando-a a outro. Os pais afirmam que a responsabilidade é da escola, esta acusa os governos da falta de verbas e de condições de trabalho. No meio desta batalha estão as crianças.

O certo é que todos temos a nossa parcela de culpa, cumprenos, portanto, oferecer o nosso contributo para que esta situação se altere. Aos pais, cabe estarem mais esclarecidos e empenhados na formação dos seus filhos. Aos professores, mais interesse e amor pela educação e pela sua própria valorização profissional. Aos governantes, mais ações e menos promessas no que diz respeito à educação.

Ao terminar a nossa reflexão, apraz-nos dizer que é necessário ler, ler muito. Ler desenvolve a capacidade existente em cada um de nós de imaginar e “ter imaginação é ver o mundo na sua totalidade” (ELIADE, 1991).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Fátima. *A Hora do Conto*. Lisboa: Teorema, 2000.

AZEVEDO, Fernando. *Literatura Infantil e Leitores – Da teoria à prática*. Braga: Universidade do Minho, 2006

BARTHES, R.; COMPAGNON, A. Leitura. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol.11. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.

CAMPELLO, Bernardete Santos. *A biblioteca escolar*. Temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CELANI, Maria Alba. *Professores formadores em mudança*. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

CERRILLO, Pedro et al. *Libros, lectores y mediadores*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

CULLINAN, Bernice E. *La lectura en el aula: ideas y estrategias de enseñanza para la formación de lectores*. México: Trillas, 2003.

DEARDEN, C. D. La Literatura Infantil y Juvenil como Útil de Aproximación y Comprensión de la Diversidad Cultural. In: *Actas del 24º Congreso Internacional del IBBY de la Literatura Infantil y Juvenil*. Madrid: OEPLI, 1995.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

FREIRE, Paulo. *A importância do acto de ler*. São Paulo: Cortez, 2003.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2005.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

MESQUITA, Armindo (Coord.). *Pedagogias do Imaginário – Olhares sobre a literatura infantil*. Porto: Asa, 2002.

MESQUITA, Armindo, A poética da recepção na criança. *Noesis Revista do Ministério da Educação*, Lisboa, nº 63/64, p. 43-45, Jul./Dez. 2002.

NEVES, H. B. *Livros, crianças, escolas, bibliotecas e o mais que adiante se verá*. Lisboa: Cadernos BAD, 1994.

POSLANIEC, Christian. *Donner le goût de lire*. Paris: Editions de la Martinière, 2004.

SCHOLES, R. *Protocolos de leitura*. Lisboa: Edições 70, 1991.

SHERA, J. H. *Introduction to library science*. Littleton: Libraries Unlimited, 1993.

SILVA, Aguiar e. Nótula sobre o conceito de Literatura Infantil. In: SÁ, D.M. *A Literatura Infantil em Portugal*. Braga: Editorial Franciscana, 1981.

SILVA, Lino Moreira. *Bibliotecas Escolares: um contributo para a sua justificação, organização e dinamização*. Braga: Livraria do Minho, 2000.

SOARES, Isabel Mendonça. A magia do livro. *Cadernos de Educação de Infância*. nº 68, 2003.

SOUSA, Maria. *Ler na escola – o manual escolar e a construção de leitores*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia/Universidade do Minho, 2000.

SOUZA, Renata Junqueira; SOUSA, Ana Cláudia (Org.). *Nas teias do saber*. São Paulo: Meioimpenso Produções, 2005.

VELOSO, Rui Marques. *A obra de Aquilino Ribeiro para crianças*. Porto: Porto Editora, 1994.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1991.